

**A BUSCA POR UMA IDENTIDADE NACIONAL  
NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE  
DO ROMANCE “IRACEMA”, DE JOSÉ DE ALENCAR**

*José Kelli Santos Ibiapino Albuquerque* (UESPI)  
[jk01976@yahoo.com.br](mailto:jk01976@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Este artigo tem como tema a busca por uma identidade nacional para a literatura brasileira durante o Romantismo no Brasil. Traz-se nele, uma análise do livro “Iracema”, de José de Alencar, mostrando-se, em alguns trechos da obra, como a busca por essa identidade se concretiza nesse romance. O principal objetivo deste trabalho é mostrar como essa proposta identitária se apresenta em tal obra. Para a realização deste estudo, fez-se, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica em publicações de autores como Ribeiro (2016), Candido (1981; 1993; 2000), Bernd (2003), Brito (EDUFPI, 2017), Terra (2004), entre outros, como forma de embasamento teórico de seu produtor; em seguida, partiu-se para a análise do romance supracitado.

**Palavras-chave:**

**Identidade. Romantismo. Literatura brasileira.**

**ABSTRACT**

This article's theme is the search for a national identity for Brazilian literature during Romanticism in Brazil. It presents an analysis of the novel “Iracema”, by José de Alencar, showing, in some excerpts of the work, how the search for this identity happens in it. The main objective is to show how this identity proposal is presented in such work. To carry out this study, firstly, a bibliographical research was carried out in publications by authors such as Ribeiro (2016), Candido (1981; 1993; 2000), Bernd (2003), Brito (EDUFPI, 2017), Terra (2004), among others, as a form of theoretical basis of its producer; then, it was made an analysis of the aforementioned novel.

**Keywords:**

**Identity. Romanticism. Brazilian Literature.**

## ***1. Introdução***

Com a independência do Brasil de Portugal no ano de 1822, surge, no país, um desejo por uma independência também cultural, um anseio por uma identidade na cultura nacional. Era necessário que o país, agora independente, mostrasse a sua força em vários aspectos, não mais atrelado aos moldes europeus.

Em meio a esse contexto, surge aqui no Brasil, a ideologia trazida pelo Romantismo, que tem seu início no país, oficialmente, no ano de 1836, com a publicação de duas obras do escritor Gonçalves de Magalhães: a revista *Niterói* e o livro de poesias “Suspiros poéticos e saudades”.

O Romantismo foi um movimento literário que propunha mudanças, rompimentos com vários modelos praticados pela literatura até então. A nova escola literária pretendia dar uma “nova cara” às suas produções, o que, de fato, vinha em direção aos anseios já trazidos à nação brasileira pelo processo de independência.

Como a literatura era uma forma de cultura bastante apreciada pela população à época, viu-se, nela, o meio ideal para se buscar uma identidade nacional, por meio da abordagem nos romances, de aspectos que traziam aquilo que fosse mais representativo do Brasil, como por exemplo, a natureza brasileira, o povo com seus hábitos e costumes, o espaço brasileiro e o índio, visto como símbolo do país, o qual ganhou um destaque nas obras românticas, colocado como herói, o “bom selvagem”.

Este trabalho tem como objetivo mostrar como o processo de busca por uma identidade nacional no Romantismo brasileiro se realiza na obra *Iracema*, de José de Alencar, por meio de uma análise que almeja destacar os principais pontos dessa proposta presentes neste romance.

Para a realização deste estudo, fez-se, a princípio, uma pesquisa bibliográfica em trabalhos publicados por autores, como Terra (2004), Ribeiro (2016), Brito (EDUFPI, 2017), entre outros, como forma de embasamento teórico e, em seguida, foi feita uma análise do livro “*Iracema*” para mostrar, em alguns trechos da obra, a presença da proposta identitária do Romantismo.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: na primeira parte, traz-se uma breve abordagem, para situar melhor o leitor, da temática explorada nesta pesquisa, como também do seu objetivo, da metodologia aplicada para composição do trabalho, bem como da forma como ele está estruturado. A segunda seção faz uma abordagem teórica do tema, trazendo o pensamento de alguns autores relacionados a ele. A terceira seção expõe uma análise feita pelo produtor deste estudo, do romance *Iracema*, mostrando a presença, em passagens da obra, da proposta do Romantismo brasileiro em trazer uma identidade nacional para o país. Em seguida, trazem-se as considerações finais do autor do trabalho sobre os resultados encontrados no estudo realizado, seguidas das referências bibliográficas utilizadas na composição deste artigo.

**2. Contexto histórico e caracterização do Romantismo no Brasil: aspectos de uma identidade nacional por meio da literatura**

O Romantismo foi um movimento literário que surgiu na Europa, vindo, mais tarde, para o Brasil. Por aqui, o seu surgimento pode ser considerado a partir da chegada da família real ao país, em 1808, mais precisamente à cidade do Rio de Janeiro, fato esse que favoreceu o seu crescimento urbano e, com isso, ficou propício para a divulgação das tendências europeias. Os ideais liberais da Revolução Francesa e da Independência dos Estados Unidos trouxeram grandes influências para a, até então, Colônia portuguesa, despertando assim, o sentimento de independência por aqui.

Com a independência brasileira de Portugal em 1822, surge aqui o desejo por uma desvinculação cultural da Europa, mais diretamente falando, na área literária, pois a literatura produzida por aqui, até então, era muito influenciada pelos modelos literários europeus. “Quanto ao aspecto formal, a literatura romântica se desvincula completamente dos padrões e normas estéticas do Classicismo.” (TERRA; DE NICOLA, 2004, p. 392).

O marco inicial do Romantismo no Brasil é considerado, oficialmente, com a publicação, no ano de 1836, de duas obras de Gonçalves de Magalhães: a revista *Niterói* e o livro de poesias “Suspiros poéticos e saudades”.

O Romantismo brasileiro apresenta como principais características o predomínio da emoção sobre a razão, a desvinculação com o clássico, liberdade de criação, nacionalismo ufanista, sentimentalismo, subjetivismo, fuga da realidade. Vale ressaltar que neste artigo, dentre as características citadas, será explorado mais o nacionalismo, na busca por uma identidade nacional.

No Brasil, este movimento literário foi dividido em três gerações, sendo a primeira chamada de geração nacionalista ou indianista, marcada, entre outros aspectos, pela exaltação da natureza e pela abordagem do índio, aspectos que serão mais explorados neste trabalho. Como principais poetas, essa geração teve Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre. A segunda geração foi chamada de mal-do-século, por ser fortemente marcada pela presença de temas como fuga da realidade, busca pela morte. Seus principais poetas foram Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela. A terceira geração romântica ficou conhecida como geração condoreira, caracterizada pela

poesia social e libertária. Seu principal representante foi o poeta Castro Alves.

Se o Brasil era uma nação, deveria possuir espírito próprio como efetivamente manifestara pela proclamação da Independência. Decorria daí, por força, que tal espírito deveria manifestar-se na criação literária, que sempre o exprimia, conforme as teorias do momento (Cf. CANDIDO, 1993, p. 313).

Em busca de uma identidade nacional, os escritores que compunham o movimento literário brasileiro à época, o Romantismo, viram na literatura, arte de grande apreciação pela população naquele período, um meio relevante para construir esse processo identitário brasileiro, abordando, em suas obras, aquilo que representava o país, como sua natureza, o índio, o povo brasileiro com seus hábitos, costumes, falares. Para Bernd (2003), “o processo de construção da identidade nacional brasileira está atrelado à narrativa e, conseqüentemente, à literatura”.

Segundo Candido (1981), “o contexto histórico brasileiro no período romântico, momento em que o Brasil acabara de se libertar do jugo da metrópole, contribuiu para a formação de uma ‘literatura empenhada’ em construir a identidade nacional, valorizando o que era tido como peculiar ao país”.

Como agora o Brasil estava independente politicamente de Portugal, buscava-se produzir, por aqui, uma literatura com identidade brasileira, que falasse e explorasse o que era típico do país agora independente.

Após 1822, cresce no Brasil independente o sentimento de nacionalismo, busca-se o passado histórico, exalta-se a natureza pátria; na realidade, características já cultivadas na Europa e que se encaixavam perfeitamente à necessidade brasileira de auto-afirmação. (TERRA; DE NICOLA, 2004, p. 390)

O Romantismo vinha com a proposta de uma literatura popular, não mais clássica, como acontecia, anteriormente, com a literatura produzida na Europa e mimetizada por aqui. Com isso, surge um público consumidor mais expressivo, facilitando a divulgação do estilo literário manifestado agora no país, que era de se produzir uma literatura com marcas nacionais, isto é, uma arte com manifestações realmente brasileiras, que explorasse e mostrasse o que era nacional.

Quanto ao conteúdo, os românticos cultivavam o nacionalismo, que se manifestava na exaltação da natureza pátria, no retorno ao passado histórico e na criação do herói nacional (no caso, os heróis nacionais são os índios). A natureza também assume múltiplos significados; ora é uma extensão da

pátria, ora é um refúgio à vida atribulada dos centros urbanos do século XIX, ora é um prolongamento do próprio poeta e de seu estado emocional. (TERRA; DE NICOLA, 2004, p. 392)

De fato, o ideário de construção identitária brasileira imbrica-se na atitude dos poetas e escritores românticos, que explorarão em suas obras essa vertente nacionalista, o que servirá para abandonar as heranças portuguesas. Dessa forma, nesse processo, a literatura terá importância fundamental, haja vista que por integrar a cultura do país, servirá como fator de construção sobre a alma do que é ser nacional, um processo, que no Brasil, serviu primeiramente como um projeto político diferenciado de todo o restante do mundo. (RIBEIRO, 2016)

Com a independência de Portugal que o Brasil conquistara, era necessário vincular, ao Brasil, a sua própria cultura, sua identidade, isto é, dar uma nova “cara” ao país recém-independente, desvinculá-lo culturalmente da influência europeia. Na literatura, essa necessidade de uma identidade nacional foi logo sentida. Buscou-se, então, trazer um novo estilo para as obras produzidas aqui a partir de então. Foi com essa nova postura que se passou a ver essa proposta, de forma nítida, nos romances dos autores do Romantismo brasileiro; entre eles, pode-se destacar José de Alencar, em cujas obras esse projeto de dar à literatura brasileira sua própria identidade é uma realidade. Para Figueiredo e Noronha (2005), “os românticos valeram da particularidade da independência política para construir e afirmar nossa identidade”.

É comum, em obras do Romantismo brasileiro desse contexto, observar-se a presença da natureza brasileira abordada de forma categórica, em que esta assume praticamente uma personalização na obra. A figura do índio é bastante explorada nos romances, principalmente na obra de José de Alencar, pois o indígena era, naquele contexto histórico, a maior representatividade do Brasil, era um símbolo nacional, nada mais justo e prático para os anseios da época, que ele fosse temática principal e protagonista nas obras.

Baseando-se nos documentos dos primeiros portugueses que escreveram sobre o Brasil, como “A Carta” de Pero Vaz de Caminha, os escritores brasileiros (os românticos, mais especificamente) se empenharam em retratar e valorizar o índio e a natureza, tomados como símbolos do nosso país.

Para Abdalla e Campedelli (2004, p. 73), “a instauração do Romantismo no Brasil coincidiu com o processo de afirmação de nossa independência”, permitindo-nos inferir que crescia no povo brasileiro, naquele contexto, o desejo de autoafirmação de uma identidade própria,

corroborado pelo trabalho desenvolvido pela literatura local, a qual, principalmente na figura indianista, procurou realizar o desejo da população recém-independente e sedenta por uma identidade própria.

O índio, no Romantismo brasileiro, é tido como herói, é uma figura idealizada, o “bom selvagem”. Essa idealização fazia parte da proposta literária da época. Segundo Ribeiro, (2016),

[...] o índio é eleito como verdadeiro símbolo de nacionalidade, visão extremamente influenciada pela atitude romântica de valorizar o passado histórico e que tem no cavaleiro medieval o símbolo máximo de heroísmo. Como no Brasil não se teve Idade Média, o índio é alçado ao posto de cavaleiro, por isso sua representação com traços de bravura, heroísmo, pureza e força. (RIBEIRO, 2016)

Com a exploração do espaço brasileiro como forma de garantir uma identidade à literatura brasileira, outro aspecto que pode ser observado nas obras do Romantismo é a questão do regionalismo, em que o espaço na obra pertencente a essa escola literária passa a ser explorado de forma minuciosa, com suas peculiaridades descritas nos seus pormenores, levando o leitor, com nitidez, a senti-lo e a percebê-lo na obra como se nele estivesse presente, vivenciando-o, explorando-o, conhecendo-o.

Em seu livro *Neorregionalismo brasileiro*, Herasmo Braga de Oliveira Brito, (2017, p. 41), diz que o Regionalismo surgiu primeiro em nossas letras no Romantismo e foi muito marcado pela mera descrição localista dos costumes e dos aspectos geográficos do lugar.

Ainda com relação ao Regionalismo na identidade da literatura brasileira, Brito (2017, p. 43) diz-nos que o Regionalismo dentro do Romantismo se efetivou como um movimento dedicado ao local, que buscava, por meio das produções ficcionais, a elaboração de aspectos identitários que pudessem concretizar o processo de independência recente e a construção de uma identidade nacional. Assim, os autores evidenciaram mais aspectos particulares do meio local e produziram uma literatura, quase que exclusiva, daquele espaço geográfico.

Conforme visto, percebe-se que houve, sem dúvidas, um grande empenho dos autores da época em explorar o espaço brasileiro, e assim, o regionalismo, como formas de garantir à literatura brasileira, uma identidade nacional no imaginário da sociedade brasileira da época. Para Candido (2000),

Esse empenho consistia em valorizar os aspectos nacionais a partir dos elementos locais, para que assim fosse nutrida, no imaginário social, uma identidade brasileira. Todavia, as primeiras produções literárias desse

período tiveram fraco desempenho estético, pois o tom descritivo foi mais predominante. (CANDIDO, 2000)

Nota-se que havia uma preocupação maior, por parte dos escritores românticos, em cumprir o propósito identitário do que mesmo em garantir o aspecto estético da obra, do que prender a atenção do leitor pela magia, pela fantasia geralmente causada pelo enredo na literatura, pois as obras se tornavam mais preocupadas em descrições precisas e, muitas vezes, idealizadas de espaços e personagens.

### **3. Traços de uma identidade nacional no romance “Iracema”, de José de Alencar**

Nesta seção, mostra-se uma análise do romance “Iracema”, através da exposição de trechos em que se comprova a presença da proposta do Romantismo de uma identidade nacional para a literatura brasileira. Vale ressaltar que, embora haja crítica literária com relação a essa proposta identitária na obra indianista de José de Alencar, destaca-se que não se entrará, aqui, em questões voltadas para uma crítica na obra de José de Alencar com relação a essa busca por uma identidade, mas sim, analisar-se-á como traços de uma identidade nacional são apresentados no romance em foco.

O autor da obra “Iracema” (1865), José de Alencar, nasceu em Mecejana, no estado do Ceará, no ano de 1829, fato que, certamente, levou-o a explorar como espaço no seu romance a própria terra natal. Foi um dos autores de maior destaque na literatura brasileira na busca por uma identidade nacional, seguindo o projeto identitário romântico no Brasil.

O seu romance indianista tem como principal proposta cumprir esse projeto identitário do Romantismo, pois o índio era, à época, considerado um símbolo nacional, então, nada melhor do que trazer essa figura indígena para a obra literária, dando a ela um destaque para consolidá-la como elemento essencial nesse processo de construção identitária. Daí, questões de valorização e idealização da figura do índio, assim como a exploração de costumes e modos de falar do Brasil da época, uso de vocábulos típicos, exploração da fauna e da flora brasileiras, são uma constante no enredo desta obra de José de Alencar, o que vai de encontro ao pensamento de Bernd, (2003), ao dizer que “o processo de construção da identidade nacional brasileira está atrelado à narrativa e, conseqüentemente, à literatura”.

Nesse contexto, o espaço brasileiro ganha um destaque nítido na obra alencarina, sendo explorado de forma poética pelo autor, ganhando aspectos de personalização no enredo, com enfoque para o espaço cearense, visto que se trata da terra natal do autor, como se pode ver nos seguintes trechos:

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia, nas frondes da carnaúba;

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco teral a grande vela? (ALENCAR, 2005, p. 9)

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a Lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares. (ALENCAR, 2005, p. 9)

Analisando os trechos acima da obra “Iracema”, fica clara a intenção do autor em dar ao espaço brasileiro uma posição de destaque, ao descrevê-lo de forma idealizadora e poética, com uso de termos caracterizadores como “verdes mares bravios”; “verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros”; “lindas várzeas onde nasci”. Somado a isso, como forma de cumprir a proposta de uma identidade nacional, ainda são empregados pelo autor, nos fragmentos acima, termos como “jandaia”, “carnaúba”, “coqueiros”, “várzeas”, “palmares”, que caracterizam fortemente o espaço e a linguagem brasileiros, mais diretamente, a região Nordeste do Brasil.

A idealização do indígena brasileiro neste romance de Alencar, também é um aspecto fortemente explorado, como se vê no trecho abaixo:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. (ALENCAR, 2005, p. 9-10)

Nos trechos abordados acima, a característica de idealização da figura do índio é uma realidade. O autor começa abordando o nascimento de Iracema, personagem utilizada por ele para representar o índio brasileiro. Iracema é colocada poeticamente como uma mulher de extrema beleza, comparada a aspectos da mais pura beleza da fauna e flora brasileiras. Além da beleza da personagem, o autor atribui também a ela traços de habilidade, força e coragem, ao colocá-la como sendo mais rápida do que a ema selvagem, ave conhecida por sua habilidade em percorrer velocemente as matas florestais.

A coragem de Iracema também pode ser vista nos seguintes trechos do livro:

Iracema arrancou-se dos braços que a cingiam e do lábio que a tinha cativa; saltando da rede como a rápida zabelê, travou das armas do esposo e levou-o através da mata.

– Iracema antes quer que o sangue da Caubi tinja sua mão que a tua;

– Iracema silvou como a boicininga; e arrojou-se contra a fúria do guerreiro tabajara. A arma rígida tremeu na destra possante do chefe e o braço caiu-lhe desfalecido. (ALENCAR, 2005, p. 34-5)

A ideia de colocar Iracema como sendo uma mulher indígena de beleza, força e coragem incomparáveis, assim como outros personagens indígenas componentes da trama, era necessária para trazer para o índio brasileiro a visão de um ser forte, bonito, corajoso, ou seja, um ser que trazia para o país, a ideia de um lugar de pessoas bonitas, com extrema força e determinação, principalmente por ser uma nação recentemente independente do poder europeu, mais precisamente do português. O índio, como representante maior do povo brasileiro da época, foi visto pelo autor do livro em questão, como o principal recurso para representar a bravura e a beleza do povo brasileiro. Todos esses aspectos nos mostram que os povos indígenas foram elementos de grande contribuição para o projeto de identidade na literatura romântica brasileira, o que se relaciona diretamente com o pensamento de Ribeiro, (2016), ao dizer que

[...] o índio é eleito como verdadeiro símbolo de nacionalidade, visão extremamente influenciada pela atitude romântica de valorizar o passado

histórico e que tem no cavaleiro medieval o símbolo máximo de heroísmo. Como no Brasil não se teve Idade Média, o índio é alçado ao posto de cavaleiro, por isso sua representação com traços de bravura, heroísmo, pureza e força. (RIBEIRO, 2016)

Pode-se acrescentar ainda, com base no exposto, que o índio é explorado por José de Alencar como o “bom selvagem”, que apesar de ser uma figura ainda sem um convívio social, é posto como um ser com atitudes e hábitos que, muitas vezes, podem ser confundidos com pessoas que já possuem costumes tidos como de pessoas ditas “civilizadas”. Com relação a isso, apresentam-se fragmentos da obra em que se mostra o convívio social entre o índio, na figura de Iracema, com o branco europeu, representado por Martim:

– Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

– Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

– Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema. (Alencar, 2005, p. 10)

Assim dizendo, o Pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram ambos na cabana. (ALENCAR, 2005, p. 11)

Iracema acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe o resto da caça, a farinha d’água, os frutos silvestres, os favos de mel e o vinho de caju e ananás. (ALENCAR, 2005, p. 11)

– Iracema não pode mais separar-se do estrangeiro. (ALENCAR, 2005, p. 33)

– Esposo de Iracema, tua rede te espera. (ALENCAR, 2005, p. 34)

Outro aspecto de busca de identidade por Alencar em sua obra é a exposição da fauna brasileira, em que, muitas vezes, o escritor usa a figura da índia protagonista comparada a ela, momento em que ele ressalta os elementos identitários. Trazem-se, agora, passagens em que a abordagem da fauna brasileira se faz presente:

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto com ela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão. (ALENCAR, 2005, p. 10)

A cauã piou, além, na extrema do vale. Caía a noite. (ALENCAR, 2005, p. 12)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O galo da campina ergue a poupa escarlate fora do ninho. (ALENCAR, 2005, p. 13)

O gavião paira nos ares. Quando a nambu levanta, ele cai das nuvens e rasga as entranhas da vítima. O guerreiro tabajara, filho da serra, é como o gavião. (ALENCAR, 2005, p. 14)

A flora brasileira é também elemento bastante presente na obra alencarina, pois a floresta local era uma das maiores riquezas que o Brasil possuía à época, aspecto de conhecimento por parte de outras nações, o que favorecia a construção da identidade nacional por meio da literatura. Exemplifica-se essa proposta com alguns trechos da obra em que tal aspecto é uma realidade:

Martim vai passo a passo por entre os altos juazeiros que cercam a cabana do Pajé.

Era o tempo em que o doce Aracati chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão. A planta respira; um suave arrepio eriça a verde coma da floresta. (ALENCAR, 2005, p. 14)

Atravessaram o bosque e desceram ao vale. Onde morria a falda da colina, o arvoredado era basto: densa abóbada de folhagem verde-negra cobria o ádito agreste, reservado aos mistérios do rito bárbaro. (ALENCAR, 2005, p. 15)

O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da andiroba. (ALENCAR, 2005, p. 15)

Tanto a fauna como a flora brasileira cumpriam importante papel na proposta identitária do Romantismo para o país, ambas representavam, juntamente com a figura do indígena, símbolos da riqueza brasileira e, por isso, foram marcas de grande exploração na obra analisada para se atender aos objetivos propostos e demarcados pelo movimento literário nacional intitulado de Romantismo.

Abordando mais traços de uma idealização da figura indígena, representada na obra com maior destaque pela personagem protagonista do enredo, trazem-se mais algumas passagens no livro:

O forasteiro desviou os olhos. Iracema dobrou a cabeça sobre a espádua, como a tenra palma da carnaúba, quando a chuva peneira na várzea.

– Ela não é mais doce do que Iracema, a virgem dos lábios de mel, nem mais formosa! murmurou o estrangeiro.

– A flor da mata é formosa quando tem rama que a abrigue, e tronco onde se enlance. Iracema não vive n'alma de um guerreiro: nunca sentiu a frescura do seu sorriso. (ALENCAR, 2005, p. 15)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da andiroba. (ALENCAR, 2005, p. 18)

Assim como nos excertos acima, percebe-se, ao longo de toda a obra, que José de Alencar coloca sua protagonista sempre em uma posição de destaque, principalmente em aspectos relacionados à beleza, pois essa característica se fazia necessária na composição da personagem, já que ela foi projetada realmente para trazer a figura de uma identidade de mulher brasileira, sempre bela, e, mais do que isso, de uma mulher brasileira símbolo da nação. Para cumprir essa proposta romântica, o autor explora a beleza da personagem, sempre comparando-a a demais elementos típicos da nação brasileira, como fauna, flora, entre outros.

Outra recorrência, também presente na obra para cumprir a meta romântica, é o uso de vocábulos característicos da linguagem brasileira, aspectos de religião, crenças e costumes do país. Para se comprovar isso, abordam-se abaixo, algumas passagens da obra.

Rugia o maracá; ao quebro lento do canto selvagem, batia a dança em torno à rude cadência. O Pajé inspirado conduzia o sagrado tripúdio e dizia ao povo crente os segredos de Tupã. (ALENCAR, 2005, p. 12)

O maior chefe da nação tabajara, Irapuã, descera do alto da Serra Ibiapaba, para levar as tribos do sertão contra o inimigo pitiguara. (ALENCAR, 2005, p. 12)

–Tupã deu à grande nação tabajara toda esta terra. (ALENCAR, 2005, p. 13)

Antes de penetrar o recôndito sítio, a virgem, que conduzia o guerreiro pela mão, hesitou, inclinando o ouvido sutil aos suspiros da brisa. Todos os ligeiros rumores da mata tinham uma voz para a selvagem filha do sertão. Nada havia, porém, de suspeito no intenso respiro da floresta.

Quando a virgem tornou, trazia numa folha gotas de verde e estranho licor vazadas da igaçaba, que ela tirara do seio da terra. Apresentou ao guerreiro a taça agreste.

– Bebe!

Martim sentiu perpassar nos olhos o sono da morte; porém logo a luz inundou-lhe os seios d'alma; a força exuberou em seu coração. Reviveu os dias passados melhor do que os tinha vivido; fruiu a realidade de suas mais belas esperanças. (ALENCAR, 2005, p. 15)

Enquanto Caubi pendurava no fumeiro as peças da caça, Iracema colheu a sua alva rede de algodão com franjas de penas, e acomodou-a dentro do uru de palha trançada. (ALENCAR, 2005, p. 19)

Ao analisar-se as passagens acima, nota-se a presença de elementos constitutivos da cultura brasileira como vocábulos, costumes, crenças,

religião. O autor faz, com maestria, uso de todos esses elementos como aliados à sua proposta ao escrever o romance, dando ao leitor a oportunidade de mergulhar em aspectos que compunham a história do país recém-independente, mas que já os trazia como suas marcas mesmo quando ainda era colônia portuguesa. Portanto, o autor recorre a tais elementos como forma de garantir a consolidação tanto de seu propósito quanto do propósito da escola literária da qual fazia parte e exaltava.

O nascimento do filho de Iracema com o guerreiro europeu Martim representa, na obra, a mistura de raças, branco e índio, miscigenação essa que identifica o início da formação do povo brasileiro. Veja como o autor explora no livro o momento do nascimento de Moacir:

Iracema, sentindo que se lhe rompia o seio, buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro.

Estreitou-se com a haste da palmeira. A dor lacerou suas entranhas, porém logo o choro infantil inundou sua alma de júbilo.

A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com ele arrojou-se às águas límpidas do rio. Depois suspendeu-o à teta mimosa, seus olhos então o envolviam de tristeza e amor.

– Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento. (ALENCAR, 2005, p. 52)

Com o nascimento de Moacir, que representa alegoricamente a mestiçagem entre branco e índio, mistura racial utilizada por Alencar para representar o início da formação do povo brasileiro, o autor destaca a formação e identidade de um povo, que é fruto de uma miscigenação entre índio e europeu, misturada, mais tarde, com outras raças que contribuíram também para a formação étnico-racial do Brasil.

Dando um maior destaque e identificação, José de Alencar descreve o nascimento do fruto do amor entre Iracema e Martim, explorando, poeticamente, recursos naturais brasileiros como elementos componentes da cena para fomentar o processo de identidade nacional.

#### **4. Considerações finais**

O Romantismo foi, sem dúvidas, uma escola literária que buscou dar ao país recém-independente de Portugal uma identidade nacional por meio da literatura, já que esta era uma forma de arte bastante apreciada e praticada pela população à época.

Após a análise da obra, percebeu-se que José de Alencar, ao escrever o romance “Iracema” (1865), contribuiu, sobremaneira, para a construção dessa identidade nacional, ao explorar elementos constitutivos da cultura brasileira, como a figura do índio, mais precisamente por meio de sua protagonista, figura essa que era considerada à época, como símbolo do país, como também de demais aspectos nacionais, como vocábulos que faziam parte dos falares do povo brasileiro, crenças, costumes, religiões, sem deixar de mencionar a grande contribuição para essa identidade, dos elementos explorados por ele, como a fauna e a flora brasileiras, que se tornam elementos, pode-se dizer, personalizados na obra.

Portanto, não se pode negar a importância do escritor José de Alencar para a visibilidade da literatura brasileira, romancista de grande reconhecimento não apenas nacional, mas também reconhecido e admirado internacionalmente, pois com sua obra, com foco, neste trabalho, para o romance *Iracema*, contribuiu ativamente para a construção da identidade artístico-cultural brasileira, como também de seu povo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de, 1829–1877. São Paulo: DCL, 2005. (Coleção Grandes Nomes da Literatura)

BERND, Z. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. *Neorregionalismo brasileiro: análise de uma nova tendência da literatura brasileira* / Herasmo Braga de Oliveira Brito. Teresina: EDUFPI, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. V.1 e V.2

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos da teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2000, vol. I e II

CORRÊA, Mariana Resende. *Literatura brasileira: a crítica e a construção da identidade nacional*. Artigo científico.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

FIGUEIREDO, E.; NORONHA, J. M. Identidade Nacional e Identidade Cultural. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

JUNIOR, B.A; CAMPEDELLI, S.Y. *Tempos de Literatura Brasileira*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

RIBEIRO, Rondinele Aparecido. A contribuição da estética romântica para a construção da identidade nacional. *FANORPI/UNIESPI, Revista Porto das Letras*, v. 02, n. 02, 2016.

TERRA, Ernani. *Português de olho no mundo do trabalho: volume único*. São Paulo: Scipione, 2004.